

MARIA TERESA MEIRELES, *ELEMENTOS E ENTES SOBRENATURAIS NOS CONTOS E LENDAS*. Lisboa: Vega, 1999. 195 páginas.

*Olga Maria Costa da Fonseca**

Nos últimos tempos, a literatura tradicional de transmissão oral tem sido objecto de análise em múltiplas áreas do saber, revelando-se progressivamente fecunda: quanto mais se detém, diversifica e aprofunda o olhar sobre o seu *corpus*, mais florescem as descobertas, mais se ramificam os caminhos a percorrer. Esta obra de Maria Teresa Meireles, com prefácio de Nuno Júdice, é, a um tempo, mais um desses olhares que perscrutam as memórias, os saberes contidos nos contos e lendas da tradição oral, e um estímulo, um abrir de portas para novas pesquisas. Tendo por base uma dissertação de Mestrado, este estudo, como refere Nuno Júdice, no prefácio, «propõe uma dupla descoberta: do conto popular enquanto espaço literário, isto é, organizado de acordo com uma coerência simbólica que constitui a base do imaginário; e das estruturas mínimas da imaginação, isto é, as linhas ordenadoras de uma gramática desse discurso fabuloso que está na origem dos nossos contos».

Na introdução, a autora esclarece que o *corpus* que serve de ponto de partida para o estudo – a recolha de contos e lendas efectuada por Leite de Vasconcelos – é encarado não como «obra individualizada e artística» mas sim como manifestação do «colectivo, popular».

Os fios condutores da análise proposta por Maria Teresa Meireles são os quatro elementos - Água, Fogo, Ar e Terra – a partir dos quais, como sublinha a autora, é explicado o mundo, na quase totalidade dos sistemas filosóficos e religiosos, dos mitos, das cosmogonias e dos esoterismos. E a ordem pela qual são apresentados os elementos é também ela um fio condutor posto que, como realça Nuno Júdice, «vai do nascimento (a água) à vida (o fogo), ao espírito (o ar) e à matéria (a terra)». A cada um destes elementos é dedicado um capítulo que dá conta das suas ocorrências; em cada capítulo surgem três sub-capítulos tratando as tipologias de espaços que lhe estão associados, as personagens que os habitam e as acções que neles se desenrolam. A análise simbólica é norteadada por vários estudos, de que destacáramos Gilbert Durand e as estruturas do imaginário; Carl G. Jung, nomeadamente nas relações que estabelece entre psicanálise e alquimia; Gaston Bachelard e a sua análise dos elementos e das suas isotopias.

No capítulo dedicado à *água*, vemos que este elemento é «Espaço do desconhecido», «Espaço de metamorfose» e «Espaço da ninfa». Das personagens que nela ou perto dela surgem, destacam-se as mouras, as sereias, as fadas, as jãs,

* Escola Superior de Educação da Universidade do Algarve, 8000 Faro. Email: ofonseca@ualg.pt

as bruxas, as feiticeiras, os sapos e as rãs, os peixes, o diabo, a Nossa Senhora e outros santos.

No capítulo do *fogo* são analisadas as suas ocorrências enquanto «Espaço de revelação», «Espaço de provação», «Espaço da salamandra». São, igualmente, analisadas as relações deste elemento com personagens como o diabo, o cabrito, o gato, o lobisomem, o trasgo, a bruxa ou, ainda que de forma menos directa, as mouras encantadas.

O *ar* é apresentado como «Espaço de visão», «Espaço de espiritualização», «Espaço da sílfide». Nele movem-se anjos, almas penadas, fantasmas, bruxas montadas em vassouras, diabos com asas de morcego, cavalos alados; a ele estão igualmente associados o Medo, o Vento, a Nossa Senhora, vários santos, feiticeiras e mouras encantadas.

Finalmente a *terra*, «Espaço de criação», «Espaço de (in)quietação», é, ainda, o «Espaço do gnomo». Encontramos, novamente, feiticeiras, mouras, lobisomens e fadas, bem como mortos, gigantes, cavalos, cobras, lagartos, vacas, cabras, touros e Cristo. Maria Teresa Meireles verifica que, contrariamente ao que se verifica noutras culturas, a personagem do anão não povoa o universos dos contos e lendas recolhidos por Leite de Vasconcelos, «o que coloca à partida a figura do gigante num plano desequilibrado». Há quatro grupos profissionais que surgem recorrentemente em associação ao elemento terra: sapateiros, jardineiros, camponeses e lenhadores.

Das conclusões, salientaríamos, ainda, a verificação de que «os Entes Sobrenaturais, para além de se subordinarem preferencialmente a um ou outro elemento, também se inscrevem [num] eixo moral(izado)» que liga Céu e Inferno, comportando, respectivamente, as noções de leveza/alto/Bem e de peso/baixo/Mal.

Já uma análise da distribuição sexual revela um desequilíbrio a favor do feminino: são em maior número as personagens femininas e também os elementos femininos, Água e Terra, assumem «um peso e importância que nenhum dos elementos masculinos detém». Ainda segundo Maria Teresa Meireles, a explicação para esse desequilíbrio prende-se com o facto de os textos em análise defenderem princípios mais «*terreais*», por oposição aos conceitos moralizadores e de Sobrenatural, ligados ao Ar e ao Fogo, respectivamente.

A sede de (re)ler as recolhas de Leite de Vasconcelos, provocada por esta inovadora e estimulante viagem aos quatro elementos e pelo encontro com os entes sobrenaturais que os habitam, reaviva o sentimento de falta que é saber-se que a obra há muito que está esgotada. Quanto tempo esperaremos, ainda, por uma reedição?

